

REVISTA ADVENTISTA

SETEMBRO DE 1965

Vocabulário amistoso

«... Muitos correrão de uma parte para a outra e a ciência se multiplicará»

O poder que flui por nosso intermédio

ANO XXVI N. 228

A Escola Sabatina e o nosso programa missionário mundial

Pastor MARIUS FRIDLIN

Presidente da Divisão Sul-Europeia

APESAR das dificuldades e dos obstáculos que vão aumentando, continuamente, a proclamação da Mensagem Adventista prossegue com êxito, por toda a parte. Graças à bênção divina, graças, igualmente, ao espírito de fidelidade do nosso povo, a Obra progride em todos os lugares e, de um modo especial, nas missões longínquas.

Em diversos sectores do Continente Africano e isto, apesar das perturbações de ordem política — a multidão dos que desejam unir-se à Igreja é tal, que os nossos dirigentes têm grande dificuldade em encontrar professores e pastores para formar todos aqueles novos adeptos e vigiar, seguidamente, pelo seu desenvolvimento espiritual.

No decorrer dos últimos anos, o total de membros da Escola Sabatina quase duplicou na África: eleva-se a mais de 400 000 só na Divisão Trans-Africana. As nossas escolas de igreja estão literalmente repletas: o número de alunos que as frequentam é o mais elevado que jamais se registou na história das missões adventistas. Os nossos hospitais estão igualmente cheios de doentes, e as nossas leprosas sofrem de falta clamorosa de locais adequados. Louvamos o Senhor pelo facto da expansão do Movimento Adventista se operar num ritmo sem cessar acelerado. Na África, na Ásia, na América do Sul e na América Central, nas ilhas do mar — por toda a parte — os nossos Obreiros e os nossos Membros, impelidos pelo amor de Jesus, aceitam e querem viver, no meio de perigos, mas gloriosamente, pelo Mestre.

Contudo, a tarefa inacabada que ainda nos resta levar a bom termo é, deveras, pesada.

Levar a Mensagem da verdade a todas as nações da Terra e apressar, assim, a Volta do nosso bem-amado Salvador representa um trabalho considerável. Por toda a parte se impõe a elaboração de planos de acção, mais amplos, mais vastos do que no passado, afim de se intensificar o nosso programa evangélico.

A nossa Divisão assume, a este respeito, uma enorme responsabilidade: para realizar progressos, é necessário, efectivamente, que nas suas estações missionárias, nas suas escolas, nos seus hospitais e nos seus dispensários haja Obreiros melhor preparados e em maior número do que outrora. Quer dizer que temos, igualmente, necessidade de poder contar com maior número de fundos.

A julgar pelos diversos artigos e estatísticas provindos dos serviços competentes da Conferência Geral, as nossas ofertas semanais na Escola Sabatina, durante os últimos anos, não têm deixado de diminuir, em relação ao total dos dizimos, ao passo que estes têm aumentado, regularmente. Qual é a razão deste facto? Não será, porventura, sem quase darmos por isso, por consagrarmos, hoje, uma notável porção dos nossos ganhos a embelezar os nossos lares, a aumentar o nosso conforto material, a adquirir automóveis mais caros — em poucas palavras — a satisfazer os nossos desejos pessoais numa medida mais larga do que outrora?

(Continua na pág. 12)

SUMÁRIO

A Escola Sabatina e o nosso programa missionário mundial

Página Editorial

Vocabulário Amistoso

Pois é agora a nossa vez

«É necessário que Ele cresça e que eu diminua»

Notícias do campo

«... Muitos correrão de uma parte para a outra e a ciência se multiplicará»

Compânheiros de Jornada

O poder que flui por nosso intermédio

O Auxiliar da Escola Sabatina

SETEMBRO DE 1965

ANO XXVI N.º 228

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

D. S. R. VASCO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
J. M. MATOS, M. MIGUEL,
O. COSTA E P. RIBEIRO

PROPRIETARIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

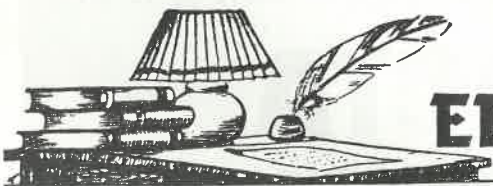
Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Página EDITORIAL

Prezados Irmãos e Irmãs

Daqui, desta nossa querida Província de Angola vos envio as minhas saudações cristãs.

Passados seis anos, tenho o privilégio de rever os nossos bons Irmãos e Irmãs da União Angolana.

Aqui me encontro, neste momento, participando nos trabalhos que estão em curso, referentes aos congressos que se sucedem ininterruptamente.

Mas não quero deixar de vos apresentar, como de costume, as notícias atinentes à nossa União, notícias estas que me têm sido devidamente comunicadas.

Acampamento dos MV

Pelas notícias que recebi, estamos pela graça de Deus, de parabéns, pois o Acampamento decorreu a contento e satisfação de todos.

No próximo número de Outubro, a REVISTA ADVENTISTA publicará a reportagem de tão importante acontecimento.

Curso Teológico

O nosso Curso Teológico reabre, com a ajuda de Deus, no próximo mês de Outubro. Vão funcionar os dois anos previstos.

Pedimos aos nossos prezados Irmãos e Irmãs que nas suas ora-

ções não esqueçam os nossos jovens estudantes do Curso Teológico para que possam preparar-se, devidamente, para a Obra do Senhor.

Irmãos que nos visitam

Foi com muito agrado que soube da visita à nossa querida terra dos nossos prezados Irmãos Iversen, da Conferência Geral e Wild da Divisão. Em espírito os acompanhámos nas suas visitas ao nosso meio.

Que Deus os acompanhe no seu importante trabalho.

Vosso em Cristo

A. Casaca

NOVO HINÁRIO para uso das igrejas em Portugal, com 620 hinos e trechos bíblicos seleccionados, próprios para o culto divino:

CANTAI AO SENHOR

edição portuguesa, sem música
É indispensável que todos os Irmãos e Irmãs possuam o hinário, pois todos temos de participar nos louvores que entoamos ao Senhor.

40\$00

VOCABULÁRIO

AMISTOSO

A. L. BIETZ

NÃO há muito tempo, conversei com um homem na manhã seguinte ao dia em que fora ferido por uma pessoa amada. Encontrava-se em grande sofrimento. Ouvi-o vasar a sua angústia. Não fora ferido por uma ponta de aço — mas apunhalara-o uma frase que o cortara mais fundo do que o poderia fazer uma espada. Naquela manhã eu vi, como tenho visto milhares de vezes, como as palavras podem ser punhais — instrumentos agudos e cortantes, capazes de mutilar um coração humano.

Afirmamos que queremos ser amistosos. Empregamos nós palavras que reflectam a nossa intenção? Fácil é dizer coisas cruéis, muitas vezes sem nos percebermos de que é isto o que estamos fazendo. Lede Provérbios 12:18: «Há alguns cujas palavras são como pontas de espada». Muitas pessoas nem sonhariam em matar alguém com uma espingarda, mas estão continuamente acutilando outros com a língua.

É genuíno desejo do leitor ser amistoso, então cuidado com cada palavra que profere, cerfiticando-se de que ela traduz devidamente a intenção de seu coração! Não basta ter boa *intenção*; precisamos reflectir em verdade nas nossas palavras a amistosidade do nosso coração. Aí estão três categorias de palavras a evitar:

1. *Palavras de intolerância*. Explosões de intolerância ferem a vida humana e são índice de uma pessoa que se julga tão superior que não pode suportar a inferioridade dos outros. A intolerância mascara-se em palavras como estas: «Quem lhe pediu a sua opinião?» «Porque fez isto... como pode ser tão estúpido?» «Bem, você não podia apanhar isto; é preciso ter massa cinzenta». Por uma infinidade de maneiras enunciamos pensamentos em palavras que tendem

a levar os outros a pensar que estão sendo pisados e amesquinados.

Palavras intolerantes são muitas vezes proferidas com a moldura da igreja. Não há maneira mais brutal e impiedosa de tratar as pessoas do que aquela que se inflige sob a capa da religião, quando os fanáticos religiosos se acham certos de possuir toda a verdade. Desacreditam quem quer que seja que discorde um triz daquilo que apregoam ser a verdade. Com ira e fúria disputam pela sua causa. Isto, porém não é cristianismo.

Há o intolerante homem de trabalho, e o intolerante homem de direcção, cada um dos quais crê possuir as devidas respostas e que ninguém pode pôr em dúvida a sua absoluta autoridade. Esses homens berram suas ordens sem tacto e sem se incomodar com os sentimentos dos empregados.

Alguns dentre nós, pais, falam muitas vezes com intolerância a seus filhos. Ao mais pequenino lampejo de discordância da parte dos filhos, dão uma palmada, um grito, uma repreensão. Não quero dizer com isto que não devamos disciplinar os filhos. Eles necessitam disso. Mas a maneira um tanto bruta em que os pais procuram disciplinar assemelha-se à de um desumano tropeiro. Nunca se justificam as palavras atiradas a nossos filhos no furor da ira. Precisamos aprender a respeitar a personalidade dos pequenos.

Pensai nos corações quebrantados nas relações conjugais em virtude do punhal da intolerância. Tenho ouvido maridos, bem como esposas, desalentados, soluçando: «Deus sabe que não quero o divórcio; mas essas palavras sarcásticas, essas observações depreciativas ano após ano... não as posso ouvir mais». Toda a palavra intolerante se acha escrita na memória. Talvez o marido ou a mulher tenham boa intenção; mas, se permiti-

tem expressar-se com palavras contrárias a suas intenções amistosas, matam lentamente as relações entre si e o seu companheiro. A sua intolerância derrama-se numa atitude dominadora e cruel, que mata pouco a pouco o amor.

2. *Palavras de impaciência*. As palavras impacientes erguem paredes entre nós e aqueles com quem desejamos amizade. A impaciência grita: «Quero que faça isto neste mesmo instante!» «Porque não podemos acabar com esse hábito de uma vez?» «Ou muda agora, ou acabou-se?» «Ou me faz isto agora, ou não preciso mais!» Esse espírito de imediação produz inevitavelmente palavras cortantes. A incapacidade de suportar faz um homem mais animal que um animal. Cada vez que ele não tolera mais, emprega força e coerção para conseguir a sua vontade.

Somos impacientes às vezes porque nos julgamos importantes e não queremos perder tempo. *A pessoa que é realmente importante, porém, mostra paciência com as circunstâncias, bem como com os outros*. Uma pessoa verdadeiramente grande pode-se associar com o seu servo sem mostrar desdém nem impaciência. Só os que julgam que a sua palavra é um decreto final despejam uma torrente de palavras para queimar os outros. E quando terminam, dizem orgulhosamente: «Bem abaixei-o um ou dois pontos»; como se fossem o herói do dia.

Quão deplorável medirmos a nossa força ou importância pelas nossas armas de destruição em vez de fazê-lo pelo grau de benignidade que temos no coração para com os outros! Qualquer de nós pode ser uma metralhadora ou bomba atômica. Poucos de nós temos o poder superior do domínio próprio e da paciência.

3. *Palavras de rebelião*. Explosões de rebelião são o fruto de ressentimentos realçados para com os semelhantes. Aqueles que se rebelam contra a vida porque acham que não recebem um justo quinhão, dão livre curso à sua bilis, amontoando o descontentamento que nutrem em cima daqueles com quem vivem. Sentem-se feridos, e assim procuram ajustar as contas ferindo os outros.

No ano passado um dos meus alunos anunciou-me que não mais acreditava no amor de Deus.

— Não tenho tido senão provações desde que me uni à igreja, disse, e acabei com isto. Perdi todo o meu dinheiro, estou com uma úlcera; e a minha esposa está-me dando toda a espécie de tribulações. Perdi a confiança em Deus».

O rapaz estava cheio de amargura e queria expelir o seu desespero interior fazendo alguma coisa que ferisse a outrem tão duramente como ele próprio fora ferido.

A questão é: O sermos cristãos não nos livra das consequências de sermos livres agentes morais. Ceifamos todo o dia frutos de escolhas feitas. Não devemos soltar palavras de rebelião em protesto por nossa liberdade de escolha, pois esta é dom que Deus nos dá.

Deus foi sério quando nos deu liberdade, e devemos aprender a suportar as consequências de nossas escolhas. Ele não nos pode pôr a comida na boca por assim dizer, e escudar-nos contra desconfortos, sem privar-nos da liberdade. Cumpre-nos aceitar as disciplinas da vida sem amargura. Não há proveito em soltar palavras rebeldes contra Deus, contra a religião e contra os outros. Cada um de nós tem o seu quinhão de tribulações, as quais, se aceites em espírito de mansidão, tornar-nos-ão seres humanos mais compreensivos para com outros em aflições.

O verdadeiro cristão é abrandado pelo sofrimento, não amargurado. À medida que é abrandado, é também fortalecido para suportar e para assumir uma atitude de vitória.

Como podemos empregar nossas palavras de maneira que nos mostremos a pessoa amistosa que desejamos ser? A única maneira de nos mostrar amigáveis é cultivar a arte de magnanimidade, isto é, pôr a amizade em ação, sendo largos de espírito — perdoando aos que não são amistosos para conosco, amando a nossos inimigos, sorrindo ao que profere palavras zangadas contra nós, sendo pacientes com as circunstâncias probantes, permanecendo calmos quando todos os demais são irrisórios e estão prontos a lutar.

Pois é agora a nossa vez

UMA CARTA EXPRESSIVA DO DR. SETON

TRIMESTRE, após trimestre, nós, a grande família Adventista lançamos os nossos olhares para os mais longínquos cantos da terra, com o objectivo de auxiliarmos o progresso e o desenvolvimento do Evangelho noutras regiões.

E, pela graça de Deus, bem sabemos que é um bom e abençoado costume. Também contribuí para nos precaver contra a avareza, levando-nos a contribuir para o alargamento da Mensagem. Igualmente cumpre uma parte da ordem do Senhor de «pregar o Evangelho a toda a criatura», pelo que todo o bom cristão deve prosseguir com tão bom costume.

Mas, é, também, conveniente recordar as nossas necessidades, de tempos a tempos, porquanto é extremamente delicado negligenciarmos os nossos próprios campos, embora não descuremos os outros

que também pertencem às restantes Divisões da nossa Obra.

Passados dez ou onze trimestres, cabe a toda a Família Adventista dirigir as suas atenções para a nossa Divisão Sul-Europeia. Esta magnífica oportunidade chegou, agora, precisamente, neste terceiro trimestre de 1965. O excedente das Ofertas do Décimo-Terceiro Sábado que será recolhido, em todo o Mundo Adventista no próximo dia 25 de Setembro, cabe, precisamente, à nossa Divisão que o destina para a realização de dois objectivos que tem muito a peito:

1.º — Construir um novo dormitório, em Collonges, para as alunas.

2.º — Construir uma nova estação missionária nos Camarões do Sul.

Contamos com a nossa família da Escola Sabatina disseminada por todo o mundo contribua gene-

(Continua na pág. 10)

Dirigindo o carro, trabalhando no escritório ou fruindo a companhia dos amigos, recusemo-nos a magoar com palavras penosas. A bondade, eis a guarda contra tais acções. Não quero dizer «capacho de porta», mas bondade de «porta» — que abris de par em par, deixando a luz do amor entrar.

Walter M. Horton conta o caso de um piedoso diácono que, impedido além da resistência pela persistente maldade de um inimigo, votou publicamente matar esse homem odioso. O inimigo ouviu falar acerca desse voto e riu com os amigos quanto ao que o «bom e inofensivo velho tolo iria fazer».

O que fez o diácono, para espanto de todos, foi aproveitar toda a oportunidade de ser bondoso com o seu inimigo. A princípio isto foi uma fonte de divertimento, depois de aborrecimentos; no final, porém, depois que o diácono arriscou a vida para salvar a esposa daquele homem de afogar-se, o embate entre os dois resolveu-se francamente, travando-se uma nova amizade.

— Bem, disse o inimigo, o senhor fez o que disse que havia de

fazer. Matou-me — pelo menos matou o homem que eu era. Agora, que posso eu fazer pelo senhor?

Haverá sempre alguns que nunca hão-de de corresponder à sua amizade — nem mesmo quando palmilhar a segunda milha em amor. Não permita, no entanto, que isto provoque punhaladas verbais. Caso seu amor não abrande o coração daqueles a quem o oferece, suporte então a calosidade deles e as suas más retribuições no mesmo espírito em que o fez Cristo; devolva bem por mal, aceite a perseguição sem procurar vinganças, e suavize a atmosfera tempestuosa usada pelos amigos da violência, da perseguição e mau procedimento como instrumentos diários.

Jesus amava suficientemente os homens para servir-Se das palavras como de um bálsamo para os corações feridos, nunca porém como de armas cortantes. Era tolerante, paciente. Nunca permitiu que o mal do mundo O fizesse voltar-Se contra as forças do bem. Que o Seu espírito nos influencie o vocabulário ao esforçar-nos por nos mostrarmos amistosos!

“É necessário que Ele cresça e que eu diminua”

(João 3:30)

ABERTA nas páginas centrais, deponho sobre a mesa um exemplar da revista «A Família Cristã» (N.º 2 — Fev. de 1964), que me emprestaram algures.

Acabo de ler um artigo hábilmente elaborado, cujo título em tipo bastante grande: «Um Homem com as Mãos cheias de Deus», se destaca sobre uma colorida figura de sacerdote que, de pé, braços caídos, parece mostrar as mãos, como que para demonstrar o que o título afirma.

Todo o artigo é uma vigorosa e exaltada apologia à pessoa e obra do sacerdote. Contém pensamentos e declarações como estas:

— «A batina do Padre é como o vento entre as folhas: fá-las logo mover.

O cristão mais fervoroso e o mais feroz anticlerical, ao aparecer o Padre, não podem ficar impassíveis.

Há alguma coisa de especial naquele homem de Deus...

O razão do embaraço está aqui: o Sacerdote com a sua presença, torna Deus presente.

Como se pode esconder o sol que invade todo o céu e a terra?»

«O sacerdote que celebra a Missa e explica o Evangelho nas nossas igrejas; que nos alimenta com o Corpo e o Sangue de Jesus na Eucaristia, como a mãe alimenta o seu filho; que escuta as confissões dos nossos pecados e os apaga pela autoridade de Cristo; o Sacerdote é um puro dom de Deus... É um homem que possui poderes a ele oficialmente transmitidos por Deus, para bem dos homens.»

«... Continua no meio de nós, nesta sociedade humana, a vida e a obra do único e eterno Sacerdote: Jesus Cristo.

Quem recusa esta ideia, quem não aceita esta verdade e este facto, ensinado e estabelecido pelo próprio Cristo, nunca compreenderá o que é o Padre e qual é a sua missão.

De facto, todos os que negam, dizem e escrevem que «ser padre» é um ofício como qualquer outro, consideram-no igual aos pastores protestantes, aos monges budistas...», etc..

«Ao vê-lo assim, como olhamos entre nós, o Padre é um homem como qualquer outro... mas em virtude de uma força invisível e da graça divina, ele traz uma alma invisivelmente transformada. Por meio do Sacramento da Ordem... o Padre tornou-se todo de Deus, Seu servo, Seu amigo, Seu bem.

Disse-o Jesus: «Eles não são do mundo, como Eu não Sou do mundo.» (João 17:16).

«A partir da sua ordenação Sacerdotal, todos os Padres são só e sempre de Deus...»

«O padre é o «profeta» de Deus; é seu inalienável dever, explicar o que Deus disse, o que devemos acreditar e praticar.»

«E sem acrescentar nada de seu... e sem nunca afastar-se. É «testemunha» de Deus, não só porque repete o pensamento de Deus e manifesta a Sua vontade, mas porque O testemunha pela sua presença.»

«... anuncia «valores», realidades, «coisas» verdadeiras, invisíveis e sobre-humanas.

O padre torna quase palpável o mistério de Deus.

É «testemunha» pela sua vida, que traz o sinal «da cruz na qual morreu Jesus.»

«É «testemunha» sobretudo pela sua castidade voluntária.»

«A missão do Padre é a de levar os dons da salvação de Deus; a Sua Palavra, a Sua graça e o Seu exemplo.»

«Procuremos ser mais justos e mais delicados com este homem todo de Deus, e todo nosso!»

Ao ler este artigo, do qual transcrevi os parágrafos acima, e ao compreender a espécie de impressão que ele causará, talvez, em muitas mentes, senti avolumar-se

em meu coração o desejo de redobrar a actividade e procurar por os meios lícitos, despertar e impressionar, também, tantas almas quantas o Senhor me ajude a fazê-lo, não colocando-me a mim ou a qualquer ser mortal, diante delas; não exaltando-me a mim ou a qualquer semelhante meu, mas, no espírito de João Baptista, — quando disse, referindo-se a Jesus: «É necessário que Ele cresça e que eu diminua», — exaltar, glorificar o nome d'Aquele que sendo, em verdade, tão exaltado, tão puro, tão santo, disse: «Eu não procuro a Minha própria glória...» (João 8:50).

É a Esse que as multidões necessitam conhecer e considerar acima de tudo e de todos.

É a Sua obra, o Seu amor abnegado, as Suas incomparáveis virtudes, o Seu exemplo irrepreensível que as almas necessitam conhecer e seguir.

É Esse Santo Modelo que é necessário contemplar constantemente, demoradamente, até à saturação, até que o terreno seja absorvido pelo divino, e cada alma reflita, como um espelho, a imagem gloriosa d'Aquele que é «manso e humilde de coração»; que «sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus, mas aniquilou-Se a Si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-Se semelhante aos homens, sendo obediente até à morte, e morte de cruz.» (Fil. 2:6-8).

Oh! como a nossa humana natureza teima, pecaminosamente, em elevar-se tão alto, tão alto, sem recear que o Sol da Justiça seja ofuscado e Seus vivificantes raios, portadores de calor e vida, para as multidões que jazem «em trevas» e enregelam «na região e sombra da morte» (Mat. 4:16), sejam interceptados, e as almas fiquem, assim, privadas da bênção que o Céu, tão amorável e pródigoamente lhes providenciou!

Senhor, livra-nos desta terrível tentação e que o inimigo não nos arraste para tal pecado!

Que não caia sobre nós aquela condenação de Jesus, quando disse:

«Ai de vós, escribas e fariseus ... pois que fechais aos homens o reino dos céus; e nem vós entraís nem deixais entrar aos que estão entrando.» (Mat. 23:13).

Ajuda-nos, Senhor, pelo contrário, a aprender a lição que nos dá, declarando que: «o que a si mesmo se exalta será humilhado; e o que a si mesmo se humilhar será exaltado.» (Mat. 23:12).

S. Paulo afirmou que: «tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito ...» (Rom. 15:4). Mas além da Fonte inesgotável e suficiente da Palavra de Deus, podemos aprender boas lições uns dos outros, — na nossa conduta, nas nossas palavras, — lições que o Espírito do Senhor nos tornará proveitosas se, humilde e piamente, levarmos «cativo todo o entendimento à obediência de Cristo.» (II. Cor. 10:5).

Um só deve ser o nosso propósito, uma só coisa nos deve preocupar: exaltar, honrar, glorificar e servir a Deus, em Cristo Jesus, mediante uma vida de genuína fé e obediência a Seus Santos Mandamentos, os quais prescrevem o Amor, a Humildade, a Renúncia, a Abnegação, o esvaziamento do nosso pecaminoso «Eu», o esquecimento de nós próprios, para que Cristo seja «Tudo em todos.» (Col. 3:11).

Meus bons amigos, se todos aqueles que se têm empenhado em levar ao mundo o conhecimento de Cristo e Sua glória, o fizessem no mesmo espírito de João Baptista, abaixando-se tanto, tanto, que o mais pequeno dos mortais pudesse, por sobre a cabeça dele, divisar a amorável Pessoa de Jesus, o mundo, por certo, conheceria mais do que aquilo que conhece acerca d'Aquele que «veio buscar e salvar o que se havia perdido.» (Luc. 19:10).

E, esse conhecimento que lhe falta, o teria libertado já de muitos de seus problemas e aflições e misérias, pois, o nosso Salvador afirmou:

«Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.» (João 8:32).

Mas, por vezes, os mensageiros se têm apresentado diante das almas com a cabeça demasiado levantada, de modo que estas nada mais puderam ver do que humanos seres, impando de vaidade e orgulho, exibindo títulos e pergaminhos, e, levantando poeira à sua volta com a falácia das suas pretensões, toldando assim os ares e impedindo as almas famintas, necessitadas de contemplarem o Sol da Justiça, de olharem «para Jesus, autor e consumidor da fé ...» (Heb. 12:2)

Aprendamos esta lição e oremos com angústia d'alma: Senhor, livra-me deste pecado; que eu sempre me considere um «servo inútil»; um «verme» desprezível que, pelo Teu amor, graça e misericórdia, tiraste da lama do pecado e lavaste no Sangue virtuoso de Jesus. Que o meu pecaminoso «Eu» seja esmagado, aniquilado, para que não seja mais «Eu», mas Cristo em mim! (Gál. 2:20).

Jesus disse: «... aprendei de Mim, que Sou manso e humilde de coração.» (Mat. 11:29).

Isto é necessário, para que, em todo o nosso proceder, nada façamos ou digamos que vise, especialmente, atrair a atenção do mundo para nós, mas sim para Aquele que desceu do Céu para dar «vida ao mundo», «para que tenham vida, e a tenham com abundância.» (João 6:33; 10:10).

Sobre a exemplar humildade e simplicidade de Jesus, escreve a autora do livro «Evangelismo», pág. 133-135:

— «O Homem-Modelo, que não teve por usurpação ser igual a Deus, tomou sobre Si a nossa natureza e viveu cerca de trinta anos numa obscura cidade da Galiléia, escondido entre montanhas. Todas as hostes angélicas estavam sob Suas ordens, não obstante, Ele não Se arrogou de ser qualquer coisa grande ou exaltada. Nem ao menos o título de «Professor» Ele acrescentara ao Seu nome para satisfação própria. Era carpinteiro, trabalhando para ganhar Seu salário, servo daqueles para quem trabalhava.»

E, sobre a tentação e o perigo de nos revestirmos de títulos e atributos que visam distinguir-nos e exaltar-nos aos olhos do mundo, que se deixa extasiar por esse

«fogo simulado», e que o impede de glorificar a Deus, mas, pelo contrário, tenta-o a honrar e servir «mais a criatura do que o Criador, que é bendito eternamente» (Rom. 1:25), prossegue:

— Cristo «reprovou a vaidosa ostentação de cobigar o título de rabi, ou de mestre. Esse título, declarou, não pertencia a homem, mas ao Cristo. Sacerdotes, escribas e príncipes, expositores e ministradores da lei, eram todos irmãos, filhos do mesmo Pai. Jesus ensinou positivamente o povo a não dar a nenhum homem um título de honra que indicasse possuir ele domínio sobre sua consciência ou sua fé.

Se Cristo Se encontrasse hoje na Terra, rodeado pelos que usam o título de «Reverendo», «Reverendíssimo», não repetiria Suas palavras: «Nem vos chameis mestres, porque um só é o vosso Mestre, que é o Cristo?» A Escritura declara a respeito de Deus: «Santo e tremendo («reverendo» dizem outras versões) é o Seu nome.» A que ser humano cabe esse título?»

— «Não é ao homem que devemos exaltar e adorar; é a Deus, o único verdadeiro Deus, o Deus vivo, a Quem são devidos nosso culto e reverência.

De acordo com os ensinamentos das Escrituras, é uma desonra a Deus, quando tratamos de «Reverendo» aos ministros. Nenhum mortal tem direito de usar este título ligado ao seu nome ou ao de qualquer outro ser humano. Só pertence a Deus, para distingui-lo de todos os outros seres. Os que reclamam para si este título, usurpam a santa honra que só pertence a Deus. Não têm direito ao título usurpado, seja qual for a posição que ocupem. «Santo e tremendo é o Seu nome.» (Reverendo, diz a tradução inglesa.) (Sal. 111:9). Desonramos a Deus quando usarmos este título fora de seu próprio lugar.»

— «Olhando com fé ao Redentor, João elevava-se ao ponto da abnegação. Não buscava atrair os homens a si, mas erguer-lhes o pensamento cada vez mais alto, até que pudesse repousar no Cordeiro de Deus. Ele próprio não passara de uma voz, um clamor no deserto.

(Continua na pág. 12)

Adormeceu no Senhor, no dia dois de Agosto, a nossa irmã Maria de Jesus Nogueira.

Já há muitos anos que conhecia a Mensagem mas só há 10 meses decidira entregar-se ao Senhor e agora aguarda confiante a manhã da Ressurreição tal como diz Apocalipse 14:13.

O funeral realizou-se no dia três de Agosto pelas 18.30 horas para o cemitério de Arrentela, teve grande acompanhamento, e tanto em casa como junto à última morada tivemos ocasião de avisar os vivos da responsabilidade que cada um tem na preparação para a última jornada.

Desde longa data que esta irmã oferecia as flores para a igreja. Deus lhe dará muito mais do que as que deu. À família enlutada oferecemos a resignação no Senhor.

Adelino Nunes Diogo

DA COVA DA PIEDADE

Casamento

Consociaram-se, nesta igreja, no domingo 24 de Julho os irmãos Lina Maria Fernandes Rego e José Maria Janeco. A cerimónia que foi presidida pelo pastor Samuel dos Reis esteve muito concorrida, e foi muito apreciada pelos presentes que enchiam a sala de culto.

Este foi o primeiro casamento realizado nesta igreja.

Oramos para que as bênçãos de Deus repousem sobre o novo lar.

Os irmãos fixaram residência nesta localidade.

Adelino Nunes Diogo

NOTÍCIAS DE PORTALEGRE

Festa de Casamento

Teve lugar na igreja de Portalegre, no passado dia 27 de Julho, pelas 16 horas, a festa de casamento dos irmãos D. Maria Manuela Pérez Lourinho dos Santos e João Emílio Belo dos Santos.

A cerimónia foi presidida pelo pai da noiva, Pastor Manuel Lou-

Notícias do Gampo

rinho, que numa carinhosa dissertação exortou os noivos à fidelidade da instituição matrimonial fundada desde o Edem, onde Deus foi o primeiro Pastor oficiante.

Fazendo bastante esforço por manter a serenidade, como pai, fez



Os noivos, Irmãos Santos

depois no acto da bênção de consagração uma comovente prece a que toda a assistência religiosamente se associou.

O irmão João Emílio Belo dos Santos completou o seu curso de Evangelista no Colégio da Africa do Sul, estando presentemente terminando o serviço militar em Moçambique, para onde seguirá dentro de dias como espera, e onde continuará a sua carreira Evangelística.

Além de vários amigos de ambas as famílias estavam presentes parentes residentes em Angola e a mãe do noivo, a irmã Maria de

Lourdes Belo dos Santos que se deslocou de Angola, onde reside com seu marido, funcionário dos Caminhos de Ferro de Angola, naturais do Continente.

Ao novo casal de missionários, a igreja de Portalegre, onde a noiva prestou a sua prestimosa colaboração, durante cerca de dois anos, deseja as maiores felicidades e as bênçãos do Céu.

O Anjo do Senhor se acampa... Salmo 34:7

Nos arredores do Reguengo, freguesia próxima de Portalegre e onde o Evangelho tem sido pregado e testemunhado pelos irmãos ali residentes, desde longa data, reside uma família constituída pelos pais e dois filhos: o Manuel de uns 13 anos e uma menina de cerca de 18 meses.

Como é natural, onde o Evangelho não é ainda conhecido e vivido, havia por vezes atritos e desentendimentos entre o casal, provocados certamente por temperamento nervoso herdado de algum desregramento dos antepassados. No entanto tudo passava voltando, à normalidade.

Certo dia, no passado mês de Julho, o casal começou o seu dia habitual, ele para o seu trabalho de agricultor, ela no arranjo da casa que nesse dia se dispôs a fazer de forma especial. Chegada a hora do almoço, foi o Manuel encarregado de levar ao lugar de trabalho a refeição ao pai.

Era hábito o patrão convidar o rapaz para fazer alguns trabalhos de acordo com o tempo e as suas forças, mas nesse dia o pai pediu ao patrão para que o Manuel regressasse, visto que a mãe tinha anunciado desejar fazer uma visita. Segundo ele diz, o Manuel também não desejava ficar esse dia e sentia mesmo necessidade de regressar rapidamente e logo que obteve autorização, correu para casa. Devia apanhar no regresso algumas ervas para os animais mas

fê-lo o mais rapidamente possível e, correndo, regressou a casa.

Já à porta ouviu qualquer ruído estranho e, largando tudo, correu para dentro onde encontrou a menina sentada a brincar e no quarto contíguo a mãe deprimida numa trave do tecto no intuito de se suicidar. O rapaz aturdido correu à cozinha, pegou numa faca, e subindo numa mesa que a mãe tinha usado para subir para o seu tresloucado acto, procurou cortar a corda no pequeno espaço existente para não ferir a mãe. Esta uma vez no chão, com o olhar esgazeadado e bastante combalida, disse: «Vieste muito depressa, filho, outra vez será.» O Manuel arrastou como pôde a mãe para a cama e correu a chamar vizinhos e o pai. O médico veio em breve e depois de se inteirar de tudo, pondo a mão sobre o ombro do Manuel disse-lhe: «Não fui eu que salvei a tua mãe, foste tu, a tua valentia e a tua presença de espírito mereciam uma medalha.»

A chegada do Manuel foi providencial; bastariam uns escassos segundos de demora ou de hesitação e tudo estaria perdido. Os anjos de Deus avisaram o pai para pedir que o filho regressasse e ao filho para que não demorasse a chegar a casa.

A mãe ficou prostrada durante esse dia e bastante combalida nos seguintes.

Um dos nossos irmãos foi a terceira pessoa a chegar, mais outras irmãs chegaram, conhecidas e amigas da família. Com exortações foram procurando serenar o ânimo daquela senhora que algum tempo depois pedia para orarem, o que eles fizeram.

No Sábado seguinte o Manuel foi com os nossos irmãos à Igreja, levando uma oferta, e só Deus sabe com que intenção, da mãe, ao mesmo tempo que pedia para que orassem por ela.

O Manuel continua a crer e a afirmar que foi Deus que o dirigiu para salvar a mãe.

Já fizemos duas visitas a essa família, que está agora interessada em conhecer mais de Deus e do Seu amor, que interveio, evitando uma tragédia.

Quanto à mãe, pensa agora mais na vida eterna do que no seu tresloucado acto.

Pedimos aos leitores da *Revista Adventista* que orem por esta família. Vosso em Cristo

Francisco Cordas

NOTICIÁRIO

Pastor F. Mendes. — Acompanhado de sua Esposa e Filhas chegou a Lisboa, procedente da Madeira o nosso prezado Irmão, Pastor F. Mendes.

Deixando a direcção do trabalho, na Madeira, o Pastor Mendes

Pastor J. D. Iversen. — Procedente da América e em viagem de inspecção aos departamentos da Voz da Profecia e Escolas Rádio-Postais, esteve, alguns dias, entre nós, o Pastor J. O. Iversen, Secretário Associado dos Departamentos da Rádio e Televisão, da Conferência Geral.

Acompanhado do Pastor Wild, Secretário da Divisão Sul-Europeia, o Pastor Iversen prossegue nas suas visitas de inspecção aos serviços dependentes do seu Departamento.

No Domingo, 22 de Agosto, teve a seu cargo o culto da noite.



Os pastores Iversen (sentado) e Wild (de pé, à direita) no escritório da Escola Rádio-Postal

vem exercer a sua actividade, no Departamento da Escola Rádio-Postal.

Que Deus o abençoe, aos seus, assim como o novo trabalho que vai efectuar, na Obra de Deus.

Irm. Vítor Paiva. — Acompanhado de sua Esposa Irmã D. Rosália Paiva e da gentil filhinha Teresinha, esteve, em Portugal, o nosso prezado Irmão Paiva.

Já de há anos que os nossos estimados Irmãos Paivas se encontram, na Alemanha, onde o Irmão Vítor exerce as suas funções de enfermeiro, em Tübingen.

Que Deus conceda aos nossos prezados Irmãos Paivas, boa viagem de regresso, à Alemanha e as Suas melhores bênçãos.

No dia seguinte, efectuou a sua visita à nossa Escola Rádio-Postal.

Foi recebido pelo Pastor David Vasco, Secretário-Tesoureiro da União e pelo Pastor Abella, assim como pela Secretária da Escola Rádio-Postal, Irmã D. Lucelinda Godinho e pelo redactor das nossas Revistas.

O Pastor Iversen, a quem foram dadas todas as informações, que pediu, relativas à actividade que tem desenvolvido, desde a sua inauguração, mostrou-se sobremaneira interessado, com o modo como se têm recrutado os alunos, nomeadamente com a publicação dos anúncios, em vários jornais. Desfolhou o livro das inscrições, notando, com

(Continua na pág. seguinte)

«... Muitos correrão de uma parte para a outra e a ciência se multiplicará»

A. CASACA

Bem sabemos que Deus não fará coisa alguma — nomeadamente o que se relaciona com a marcha da sua Divina Providência — sem que primeiramente o haja anunciado, pelos seus profetas. Assim no-lo garante, solene e terminantemente, por intermédio de Amós: «Certamente o Senhor Jeová não fará coisa alguma, sem ter revelado o seu segredo aos seus servos, os protas.» (Amós 3:7).

Por isso, relativamente ao maior acontecimento que há-de sobrevir na história deste mundo — a Volta gloriosa de Jesus — não podem, não podiam faltar as mais insistentes e claras indicações.

Bem as declarou o nosso Divino Salvador; bem as mencionaram, igualmente os seus profetas e os seus apóstolos.

Um dos sinais da Volta do Senhor encontra-se, precisamente, naquela expressão de Daniel que serve de título a estas linhas. No capítulo 12 do livro de Daniel — em que se recordam os últimos tempos — diz o Espírito Santo por intermédio do seu profeta: «E tu, Daniel, fecha estas palavras e sela este livro, até ao fim do tempo: muitos correrão de uma parte para outra e a ciência se multiplicará (Daniel 12:4).

Encontramo-nos, precisamente, na época predita por esta profecia. Nunca, como hoje, a inteligência humana se elevou a tão grandes alturas do saber.

É certo que nos tempos idos se pode falar de cultura, de civilização, mesmo de ciência. Mas culturas, civilizações e ciências — que decerto, ainda hoje nos causam admiração — não passam de uma luz bruxuleante de candeia, comparada com o fulgor da ciência hodierna.

E foi, precisamente, nas últimas décadas que a inteligência humana realizou tão grande e extraordinário esforço.

Pode dizer-se que o homem entrou no segredo de Deus, relativa-

mente à constituição íntima da matéria.

Conhecimento perigoso decerto, mas que tem, igualmente, o grande significado de nos mostrar que estamos, sem dúvida alguma, nos últimos tempos da história do mundo.

Cada vez que viajo de avião, ocorre-me a expressão daniélica citada: «Muitos correrão de uma parte para outra.»

Trata-se de corridas que para os nossos antepassados se afiguravam impossíveis. Lembremo-nos de um Voltaire que troçava dos planos de se poder viajar a 20 quilómetros à hora...

Lembremo-nos da maneira ridícula como foram recebidas as primeiras notícias de que na nossa capital, na nossa linda Lisboa se projectava estabelecer uma linha — como a do combóio — para nela circular em carros (os famosos «choras») — para rápido transporte dos utentes...

Toda esta rapidez de transporte — de que hoje testemunhamos — mostra-nos, no seu cumprimento profético, que Jesus está às portas.

Senão vejamos. Tal rapidez transportou-se para os famosos engenhos astronáuticos. Os voos espaciais destes nossos dias são, para nós, crentes, um sinal infalível da Volta iminente do Salvador.

A realização — as tentativas de realização, diremos melhor — de se alcançarem outros planetas, é já um plano, hábil e subtilmente empalmeado por Satanás para desviar as mentes dos homens do grande acontecimento da Volta do Salvador.

Efectivamente, na medida em que os homens — as próprias Igrejas — forem fazendo planos para alcançar outros planetas, irão esquecendo, evidentemente, a Volta do Salvador. As próprias Igrejas não-de procurar enviar os seus missionários para doutrinar os habitantes dos planetas alcançados! ...

Todas as atenções da Humanidade haveriam de convergir para aqueles novos planetas com a mesma fúria — e agora requintada — dos tempos dos Descobrimentos, quando a velha Europa desviou as suas atenções para os novos Continentes, descobertos pelos nossos heróicos antepassados.

Por isso não devemos estranhar que Satanás estimule as viagens interplanetárias, porque vê nelas um poderoso meio para continuar a desviar as mentes e os corações dos homens da Volta do Salvador.

Admiremos, sim, a inteligência do homem, preciosa dádiva que Deus lhe fez, inteligência esta que tem conseguido descobrir tantas e tão admiráveis coisas.

Admiremos, também, os magníficos voos nos engenhos astronáuticos que se estão realizando.

Mas recordemos, perante os ensinamentos da Palavra de Deus que são um dos grandes sinais precursores da Volta do Salvador.

Estas admiráveis viagens têm, também, o condão de nos revelar que efectivamente efectuaremos uma grande e inolvidável viagem sem vestes nem condicionamentos especiais — porque à frente dos viajores seguirá o nosso Divino Salvador, quando Ele, em glória, dentro de bem pouco tempo, nos vier buscar, para com Ele vivermos, para todo o sempre.

NOTICIÁRIO

(Continuação da pág. anterior)

grande satisfação, os alunos que, mediante a Escola Rádio-Postal, foram baptizados. Viu as lições, cujos títulos apreciou.

Terminada a sua missão, declarou que estava muito satisfeito com o que vira e pediu licença para levar consigo boletins de inscrição de nossos alunos.

Teve palavras de bom apreço pelo trabalho da secretária da Escola Rádio-Postal, classificando a nossa prezada Irmã D. Lucelinda de *eficiente e dedicada*. Acrescentou que temos, presentemente, 133 Escolas Rádio-Postais, que espalham a Mensagem em 75 línguas, e que tenciona ir inaugurar, mais uma, na África.

(Continua na pág. 24)

Companheiros de Jornada

Importância da fé religiosa

A fé religiosa é de grande importância para os que pensam casar. O vínculo da religião tende a simplificar as possibilidades de adaptação à vida conjugal e a assegurar uma harmonia contínua.

O pertencer a igrejas diferentes constitui séria ameaça à felicidade conjugal. Há igrejas que pretendem que seus membros exijam do cônjuge «incrédulo» a promessa de que se não oporá aos exercícios religiosos e permitirá que os filhos sejam educados de harmonia com os princípios dessas igrejas. Estas exigências tendem a impôr ao cônjuge um compromisso definido. No entanto, é difícil subsistir a felicidade num lar em que se espera de um membro conformação com regulamentos com os quais não está de acordo.

A Sagrada Escritura é clara na sua advertência: «Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas?» II Coríntios cap. VI, verso 14. Portanto, todos aqueles que conscienciosamente aceitam uma religião como norma definida de viver, enfrentam a proibição de se unirem em casamento com um «incrédulo».

Entre muitos factores que tendem a consolidar o lar e a torná-lo uma união indissolúvel, a religião é certamente o mais poderoso. Quando marido e mulher professam a mesma religião, constroem o lar em harmonia directa com os princípios cristãos e criam os filhos de acordo com tais princípios; são muitíssimas as possibilidades de esse lar ser feliz e ter êxito.

Por outro lado, tomemos como exemplo o caso da senhora Oliveira que, dotada de profundos sentimentos religiosos, se uniu, porém, em casamento com um homem «incrédulo». Este, antes de casar, concordara em permitir que a esposa educasse os filhos de acordo com a sua crença religiosa; na prática porém, a educação dos filhos, foi sempre uma fonte de discórdia.

Os desentendimentos e desaven-

ças que surgem no lar produzem na mente dos filhos a impressão de que a falta de harmonia existente é resultado directo do facto de os pais serem religiosos. Consequentemente, os filhos manifestam antagonismo relativamente à religião em geral, eliminando das suas personalidades a maior influência estabilizadora que existe.

Embora existam muitas normas pelas quais um rapaz ou uma rapariga pode avaliar os prós e os contras na escolha final do companheiro da sua vida, o elemento humano continua a ser tão importante que envolve risco considerável. Por outras palavras, é impossível a um rapaz ou a uma rapariga conhecerem-se suficientemente antes do casamento para compreenderem de antemão quão satisfatório ele será. A personalidade humana pode mudar de ano para ano, de modo que, certas características e traços que não existiam na juventude podem surgir na idade madura. Desta maneira, acontece que um jovem que tenha uma sincera fé religiosa dispõe de maior segurança na escolha do cônjuge do que o jovem que baseia esta importante decisão simplesmente em critérios estatísticos.

O cristão sincero não só tem em consideração as evidências tangi-

veis a fim de saber se um amigo ou amiga dará um bom cônjuge, como faz disso objecto de oração, pedindo a Deus que conduza e oriente o desenvolvimento desta amizade especial e na decisão quanto ao casamento. Quando o jovem ou a jovem estuda o assunto do seu consórcio com fé sincera, confiando que Deus corresponderá aos seus pedidos e submetendo-se à direcção divina, tem muito mais base para a segurança do que a que resulta de seguir meras inclinações humanas.

Além disso, esta sincera fé religiosa posta em prática pelo casal, na vida doméstica, uma vez estabelecido o lar, assegurará êxito, harmonia e felicidade. Os descontentamentos, as desavenças e críticas não podem perdurar no lar em que as afinidades religiosas dos pais e filhos os levam a ajoelha-rem-se juntos para pedirem a direcção divina.

Reconhece-se naturalmente que quando se pede o auxílio divino para a escolha do cônjuge deve fazer-se um esforço para determinar se é lógico que Deus sancione o casamento em vista. De outra maneira, o pedido de auxílio divino seria mera presunção.

O êxito na vida nupcial depende da fusão de duas personalidades. Assim como há factores que favorecem a fusão das personalidades do marido e da esposa há outros que a dificultam.

Pois é agora a nossa vez

(Continuação da pág. 4)

rosamente, para a realização destes dois projectos; mas também contamos, de um modo especial com a bem justificada liberalidade dos nossos mais próximos Membros da Escola Sabatina da nossa Divisão, porquanto aquele excedente do Décimo-Terceiro Sábado deste Trimestre irá auxiliar o nosso Seminário Divisional e um dos nossos campos missionários.

Por isso, aqui deixamos o nosso caloroso apelo a todos os nossos prezados Irmãos, Obreiros e Dirigentes da Escola Sabatina no sentido de envidarem os seus melhores esforços, perante todos os nos-

sos dilectos Membros para que contribuam, copiosamente com as suas ofertas de modo que a colecta do próximo 13.º Sábado, de 25 de Setembro seja, com a bênção de Deus, um admirável recorde.

Estamos certos de que podemos contar **convosco**, prezados Irmãos e Irmãs, da Escola Sabatina.

Que Deus vos abençoe pela vossa oferta substancial e cordial.

B. E. Seton

Secretário do Departamento
da Escola Sabatina
da Divisão Sul-Europeia

O Poder que flui por nosso Intermédio

AGNES SANFORD

QUANDO ligamos o ferro eléctrico e este não funciona, examinamos a resistência, o fio ou os fusíveis. Não desesperamos diante do ferro, exclamando: Ó electricidade, por favor, desça ao meu ferro e faça-o funcionar.

Sabemos muito bem que embora o mundo todo esteja cheio daquela força misteriosa a que chamamos electricidade, somente aquela porção que flui ao encontro da resistência do ferro é que o faz funcionar.

O mesmo princípio se aplica à energia criativa de Deus. Todo o universo está cheio dela, mas apenas a porção que flui através do nosso ser realmente nos beneficia.

Muitas vezes tentamos fazer esse poder criador operar em nós através de preces e pedidos a Deus para que faça isto ou aquilo. E como Ele não faz nem uma coisa e nem outra, concluímos que não há valor na oração, uma vez que Deus age como entende, sem consultar os nossos desejos. Por outras palavras, duvidamos da disposição ou da habilidade divina em realmente produzir nas nossas vidas os resultados que desejamos. Não duvidamos de que a nossa própria habilidade em chegarmos à Sua Presença e encher-nos d'Ele, mas sim da Sua Disposição em chegar-se a nós e encher-nos d'Ele.

O meu filhinho esteve doente, seis semanas com um abscesso no ouvido. Orei desesperadamente a Deus para que o curasse. A minha mente estava cheia de pensamentos temerosos e amargos que, sem dúvida, não provêm de Deus. Deus é amor, e o amor perfeito expulsa o temor. Assim Deus não me podia usar como canal para a cura do meu filho, pois havia um rombo nas minhas ligações com Ele.

No entanto, na Sua grande misericórdia, Ele fez o que pôde por mim. Mandou-me um de seus ministros. Era um homem jovem, de feições moças, olhos claros, cheios de interesse normal e salutar pela vida e pelos indivíduos.

«Vou lá acima orar com ele» — anunciou, ao que respondi desanimado: «Não penso que isso vá adiantar muito... Meu filhinho tem apenas um ano e meio. Não vai entender de que se trata...» Mas o que eu realmente pretendia dizer era: «Se Deus não responde às minhas orações, porque há-de responder às suas?»

Mas com um «Isso não é o importante», o jovem ministro subiu as escadas.

Havia luz no seu olhar e quando a contemplei e senti sua alegria, eu cri. Pois a alegria é a aprovação divina nas vidas, de poder interior. Nenhum ministro de cara comprida poderia ter curado o meu filho, uma vez que minha crença era essencial ao milagre e sem a alegria do ministro a minha fé não se haveria restabelecido. Apenas olhando-o, eu adivinhava que ele havia estado com Aquele que veio para que tivéssemos alegria. Isso me deu a convicção de que o menino sararia.

O ministro colocou as mãos sobre a orelha de meu filho e disse: «Pai Celeste, pedimos que envies a Tua Vida ao ouvido deste menino, curando-o. Agradecemos-Te porque sabemos que isto está sendo feito. Amém».

O rubor febril desapareceu imediatamente do rosto do menino. Tornou-se muito pálido, fechou os olhos e dormiu. Quando acordou, estava bom. E nunca mais teve abscesso no ouvido.

Este incidente iluminou-me um mundo escurecido pela futilidade. Revelou-me Deus como uma realidade activa e poderosa. É verdade que eu pouco entendia a Seu respeito. Eu pensava que o ministro visitante possuía o dom de curas. Agora sei que nada mais possuía do que uma graça oferecida a todos nós, o dom infinito da vida do próprio Deus. As águas divinas da vida podiam fluir por intermédio do ministro porque os aquedutos entre o seu espírito e o de Deus estavam intactos. Ele estava de harmonia com Deus. A vida de Deus fluía através dele, e podia ser activada para a cura da criança. Isto sabia ele, e portanto tinha coragem para falar com poder.

«Nós Te agradecemos porque sabemos que isto está sendo feito» disse, acrescentando a palavra «Amém» — «assim seja» que é uma convicção. Todas as orações terminam com «Amém» geralmente sem significado. As pessoas que pronunciam esta palavra não respondem, de forma alguma, a dar uma ordem positiva e clara, a ponto de declararem: «Quando ele acordar, estará curado». Esta é a razão porque muitas orações não parecem receber resposta.

Deus está tanto dentro de nós como em nosso redor. Ele é a Fonte de toda a vida, o Criador do Universo com as inimagináveis profundidades inter-astrais. Mas Ele é também a vida que habita no nosso pequeno eu. E, assim como todo o mundo cheio de electricidade não iluminará uma casa a menos que a casa esteja preparada para receber electricidade, assim a vida infinita e eterna de Deus não nos pode ajudar, a menos que estejamos preparados para receber aquela vida em nós mesmos. Somente a quantidade de Deus que pode caber em nós, a nosso proveito, operará.

«O Reino de Deus está dentro de vós», disse Jesus. E a Luz Interna que em nós habita, o lugar secreto da Consciência do Altíssimo nos nossos corações é que constituem o Reino de Deus na sua manifestação terrena. Aprender a viver no Reino dos Céus é aprender a acender a luz dentro de nós.

Devemos aprender que Deus não é um soberano irracional e impul-

A Escola Sabatina e o nosso programa missionário mundial

(Continuação da pág. 1)

Vivemos, actualmente, nos tempos mais prósperos da história da nossa Denominação: o Senhor tem derramado a mãos cheias as suas bênçãos sobre o povo adventista. Será que esta época de abundância material exerça uma influência nefasta sobre a nossa visão espiritual? Estará, porventura, a fazer diminuir o nosso interesse pelas missões sufocando nos nossos corações o espírito de sacrifício? Se o aumento das riquezas pode constituir uma bênção, implica, também, uma maior parte de responsabilidade na maneira de dispor deste suplemento de bens.

Estamos convencidos de que os Obreiros e os Membros de igreja da Divisão Sul-Europeia não albergam nos seus corações a intenção de se subtrair ao seu dever: todos estão, de certo, deci-

didados, a permanecer bons e leais membros da Escola Sabatina, e a continuar a manter a causa adventista, segundo a medida de prosperidade que Deus lhes conceda.

Possamos, pois, todos nós, perante as múltiplas oportunidades de desenvolver a obra e de ganhar almas, que se apresentam, hoje, em todo o mundo, tomar a resolução de nos mostrarmos mais generosos nas nossas ofertas semanais para a Escola Sabatina. Conforme o convite que nos é dirigido, que Deus nos conceda a graça de consagrarmos, regularmente, pelo menos 3% dos nossos ganhos, para a realização deste objectivo.

Os benefícios materiais e espirituais que hão-de provir de uma tal iniciativa, aproveitarão, pela graça de Deus, a todos.

NOTICIÁRIO

(Continuação da pág. 9)

«Ao serviço da Escola Rádio-Postal — prosseguiu — temos várias centenas de Obreiros; por vezes, um só, tem a seu cargo os trabalhos, como por exemplo em Figi; noutras Escolas, há vários Obreiros, como por exemplo, em Los Angeles, em cuja Escola trabalham 45, onde há, também uma boa Casa Publicadora.»

Nesta altura, o Pastor Wild declarou que no trimestre passado, a

Divisão Sul-Europeia tivera 85 baptismos por intermédio da Escola Rádio-Postal.

Finalmente, o Pastor Iversen, dirigindo-se, directamente, aos Irmãos da Escola Rádio-Postal, lembrou-lhes que, quando recebem os nomes de novos alunos, não são simples nomes, mas sim preciosas almas que podem ser ganhas para o Reino de Deus.»

A visita terminou com uma oração do Pastor Wild.

Os Pastores Iversen e Wild partiram, no dia seguinte, prosseguindo nos seus trabalhos.

Desejando-lhes, sempre, boa viagem, igualmente fazemos votos para que Deus derrame sobre os nossos prezados Irmãos, Pastores Iversen e Wild as Suas mais escolhidas bênçãos.